

## O tempo que perdemos

Uma conversa com Rimah Jabr

“Hoje de manhã recebi uma mensagem da minha irmã. Houve um cortejo fúnebre em Nablus ontem à noite. O Exército de Ocupação de Israel invadiu as ruas. As pessoas começaram a atirar pedras. Cinquenta e duas pessoas ficaram feridas, uma morreu. Hoje, o exército fechou toda a cidade.”

Rimah Jabr suspira. Falando de Toronto, onde vive desde 2016, a dramaturga palestina diz: “É assim. Todos os dias. Quando lá estamos, não damos conta. Até que conseguimos viajar para o exterior e chegar a outros lugares. Aí é que percebemos o tempo que perdemos.”

Rimah viveu na Palestina durante trinta e dois anos. A necessidade de recuperar o tempo perdido é a força motriz por trás da sua surpreendente produtividade. Em 2012, Rimah foi convidado para ir a Bruxelas pelo KVS (Teatro Municipal Flamengo) e pela Qattan Foundation para a produção de *Keffiyeh / Made in China*. Depois licenciou-se na academia de teatro e cinema RITS em Bruxelas e escreveu quatro peças de teatro, em que também participava como intérprete, antes de se mudar para Toronto por amor. Aí, escreveu e interpretou *Two Birds, One Stone*, com sua amiga canadiana judia Natasha Greenblatt, e está agora a criar uma nova produção, *Broken Shapes*, juntamente com a artista visual Dareen Abbas.

*Infini #5* é o resultado de uma colaboração com Decoratelier, um coletivo / espaço de trabalho sediado em Bruxelas liderado pelo cenógrafo Jozef Wouters e pelo dramaturgo Jeroen Peeters, ambos belgas. Depois da sua primeira apresentação como parte da performance *Infini 1-15* no KVS de Bruxelas em 2016, viajará agora para Ghent (BE), Lisboa (PT), Ostende (BE) e Ramallah (PS).

“Eu tinha 30 anos quando participei na minha primeira oficina de teatro”, diz Rimah Jabr, hoje com 38 anos. “Sempre escrevi, mas só em privado. Cheguei ao trabalho em teatro muito tarde. Como consequência, não quero perder mais tempo. Ainda me considero no início da minha carreira. Isso pode explicar minha produtividade. E não sou uma pessoa paciente em geral. Quando me sento a escrever, não tenho paciência para editar. Quero que fique perfeito desde a primeira versão, o que é impossível, claro – por isso, só agora é que estou a aprender a acalmar-me, a ser paciente e realmente trabalhar no texto.”

É difícil imaginar esta impaciência furiosa quando nos sentamos no teatro e ouvimos Rimah ler a carta que conduz *Infini #5*. A sua voz parece calma e introspectiva. Dirigindo-se a Jozef Wouters, que lhe pedira que lhe escrevesse sobre as razões para ter escolhido o tema dos túneis e da infinitude, parece pensar em voz alta. Com a ajuda do tempo e da distância, é capaz de refletir sobre o tempo que perdeu, vivendo em Nablus, uma grande cidade palestina na Cisjordânia: trinta anos de vida sob o jugo de sistema concebido para minar qualquer sentido de normalidade.

“Pessoalmente, prefiro pensar isto: que nada do que vivemos é real”, diz Rimah na sua carta. Uma observação impressionante, para mim que estou de fora: a Palestina parece ser o lugar mais real do mundo. “Se tentares imaginar como é a situação”, desenvolve Rimah, “e depois um dia de facto fores lá, vais ficar chocado. Vi isso acontecer com o Jozef, quando ele me visitou em Nablus. É tudo tão real que sentes que não pode ser verdade. Está demasiado próximo da ficção. É como se tivesses

vindo parar a um filme ou a um romance. Mas se viveres a tua vida diária numa situação que é tão difícil de suportar, a tua mente começa a tentar encontrar maneira de sair dessa realidade. Porque se te permitisses verdadeiramente refletir sobre a vida que estás a viver, uma e outra vez, acho que o teu cérebro não seria capaz de aguentar. É demasiado. O teu cérebro vê-se obrigado a desligar. E precisas de te evadir dessa situação, isso ajuda-te a lidar com a impossibilidade disto tudo.”

Rimah conheceu Jozef Wouters no seu Decoratelier, em Bruxelas. Ele tinha-a convidado, juntamente com uma grande variedade de outros escritores, criadores de teatro, artistas visuais e arquitetos (eu era um deles), para responder à pergunta: “Que espaços devemos mostrar no teatro hoje?” Cada conversa resultou num *infini*: cenários pintados, que subiam e desciam montados em roldanas, como um horizonte para a imaginação. A experiência completa, intitulada *Infini 1-15* e apresentada pela primeira vez no KVS, foi tão marcante que a selecionaram para o Festival de Teatro Flamengo como um dos destaques da temporada. E o trabalho de Rimah Jabr talvez tenha sido o mais memorável de todos.

Durante essa primeira conversa, a sua escolha imediata de paisagem foi: túneis. Mais tarde, quando Jozef visitou a Cisjordânia e Nablus pela primeira vez e testemunhou o muro, os postos de controlo, os colonatos nas colinas, bem iluminados e fortemente vigiados, a vida confinada nas cidades palestinianas, perguntou-lhe de novo: porquê túneis? Rimah respondeu com uma carta que nos fala da infinitude, da sensação de que podemos continuar para sempre sem ver uma luz ao longe, o peso do mundo que se movimenta lá em cima, algures por cima de nós.

Para aqueles entre nós que vivem fora da Palestina, pode ser difícil imaginar a claustrofobia da vida num país onde uma simples viagem de um lado ao outro da cidade, quanto mais de uma cidade a outra, irá sempre confrontar-nos com barreiras na estrada, onde o exército israelita nos pode deixar passar ou manter-nos à espera como bem entender. “O facto de não te ser permitido viajar, é claro, priva-te da tua dignidade. Tal como o facto de eles te fazerem perder tempo. Na Bélgica, quando o comboio está dez minutos atrasado, as pessoas zangam-se porque vão chegar atrasadas à escola ou ao trabalho. Agora imagina que outra pessoa controla completamente o teu tempo. E, ainda por cima, é de facto um jogo de vida ou morte. No posto de controlo, estás cara a cara com um jovem que empunha uma metralhadora. Para chegares ao teu destino, precisas da autorização deste rapaz ou rapariga. E embora essa pessoa esteja a roubar tempo da tua vida, tens de ficar quietinho e sorrir. Um movimento repentino ou uma expressão irritada podem-te custar a vida. É esta combinação: eles são paranoicos mas detêm o poder; tu estás zangado, mas esforças-te ao máximo por agir racionalmente.”

“Há tantos exemplos. Um soldado a mandar um homem dançar, caso contrário não o deixaria passar; o homem dançou. Uma mulher a dar à luz o bebé no carro do marido num posto de controlo, porque não os deixaram atravessar e chegar ao hospital, por mais que o marido implorasse. O ‘buraco’, um sítio no posto de controlo, abaixo do nível da rua, onde os homens são obrigados a ficar sentados durante horas, proibidos de falar seja com quem for, enquanto verificam os seus documentos. Esses postos de controlo não são propriamente um controlo de segurança; fazem parte de uma forma sistemática de humilhar as pessoas, de as manter num estado de sujeição e espalhar o medo.”

Ao escrever a carta para *Infini #5*, em resposta às perguntas que Jozef lhe continuava a fazer, Rimah Jabr começou a perceber o modo como essas experiências tinham moldado o seu trabalho até então. “Tudo que escrevi é sobre pessoas presas numa situação. *Two Ladybugs* é sobre três jovens em coma, que se encontram nesse mundo além da vida. Um deles é um soldado israelita que matou os outros dois a tiro. *The Prisoner* é sobre alguém que permanece mentalmente preso, mesmo depois de ser finalmente libertado da prisão. A minha terceira peça era sobre um casal escondido num apartamento que está prestes a ser destruído pelas forças israelitas. Tem tudo a ver com a vida que vivi, ao crescer em Nablus, os postos de controlo, o tempo perdido, a sensação de ser preguiçosa e impotente, de não conseguir fazer nada em relação a nada.”

“Em Nablus, sentes que não estás a alcançar nada, porque a ausência de um sistema normal não te permite fazer nada. Não é falta de tempo – nós sempre tivemos muito tempo, ficávamos literalmente sem fazer nada, sentados em casa, a comer, a ver televisão. A questão é mais o tempo que foi desperdiçado estes anos todos. Porque a cada dia a cidade, as lojas e a escola podiam ser fechadas – tal como Nablus foi fechada hoje. Em criança, costumávamos aplaudir sempre que havia um novo recolher obrigatório. Não há escola, fica-se em casa mais uma semana. Mais tarde, esse vazio torna-se quase um vício.”

Rimah sempre deu a si própria uma presença física nas peças que escreveu e produziu. Também está muito presente em *Infini #5*, mas desta vez é só a sua voz. “As pessoas podem-me ouvir. A minha voz está lá. Eu não tenho de aparecer pessoalmente. O palco já é tão bonito de se ver. Não se trata de mim ou da minha história pessoal. Trata-se de deixar as pessoas sentirem e experienciarem a infinitude, enquanto ouvem a minha descrição. Vão ver uma catedral de palmeiras, inspirada no *Bosco di Palme* (1754), do arquiteto italiano Giovanni Carlo Galli-Bibiena.” Jozef Wouters sugeriu esta gravura e sua equipa no Decoratelier passou pelo processo minucioso de a copiar treze vezes, cada versão ligeiramente menor que a anterior. Só precisavam de papel, cola, fita-cola – e tempo, horas e horas. O resultado: uma cenografia construída só para o olhar do espectador. Não deixa espaço para os atores. E como Galli-Bibiena foi o pioneiro de um ponto de fuga ligeiramente descentrado, o olhar do espectador vê-se apanhado numa perspectiva infinita. “Parece aberto, mas não se consegue ver onde é que acaba”, conclui Rimah. “Trata-se de seguir essa visão, de tentar encontrar a saída e de nos esquecermos que já tentámos, e depois tentarmos outra vez, levados por um sentimento de esperança perpétua. Não há fim, não chegamos a lado nenhum, mas continuamos a andar.”

Chris Keulemans (escritor e jornalista viajante sediado em Amsterdão, participante no *Infini 1-15*)